



BOCAGE pour

Judd (Du'Bocage) Marriott Mendes

Soneto do Juramento
Bocage

Eu foder putas?... Nunca mais, caralho!
Hás de jurar-mo aqui, sobre estas Horas
:E vamos, vamos já!... Porém tu choras?
"Não senhor (me diz ele) eu não, não ralho":
Batendo sobre as Horas como um malho

"Juro (diz ele) só foder senhoras
Das que abrem por amor as tentadoras
Pernas àquilo, que arde mais que o alho".
Co'a força do jurar esfolheando
O sacro livro foi e a ardente sede
O fez em mar de ranho ir soluçando...
Ah! que fizeste?
O céu teus passos mede!
Anda herético filho miserando
...Levanta o dedo a Deus, perdão lhe pede!

=====

Soneto do Membro Monstruoso
Bocage

Esse disforme, e rígido porraz
Do semblante me faz perder a cor;
E assombrado d'espanto, e de terror
Dar mais de cinco passos para trás;
A espada do membrudo Ferrabraz
Decerto não metia mais horror:
Esse membro é capaz até de pôr
A amotinada Europa toda em paz
Creio que nas fodais recreações
Não te hão-de a rija máquina sofrer
Os mais corridos, sórdidos cações:
De Vénus não desfrutas o prazer:
Que esse monstro, que alojás nos calções
É porra para mostrar, não de foder.

=====

Soneto de todas as putas
Bocage

Não lamentos, ó Nize, o teu estado;
uta tem sido muita gente boa;
Putíssimas fidalgas tem Lisboa,
Milhões de vezes putas teem reinado:

Dido foi puta, e puta d'um soldado;
Cleópatra por puta alcança a c'roa;
Tu, Lucrecia, com toda a tua proa,
O teu conno não passa por honrado:

Essa da Rússia imperatriz famosa,
Que inda há pouco morreu (diz a Gazeta)
Entre mil porras expirou vaidosa:
Todas no mundo dão a sua greta: Não fiques pois, ó Nize, duvidosa
Que isso de virgo e honra é tudo peta.

=====

Soneto de todos os cornos
Bocage

Não lamentos, Alcino, o teu estado,
Corno tem sido muita gente boa;
Cornissimos fidalgos tem Lisboa,
Milhões de vezes córnos tem reinado.

Sicheu foi corno, e corno de um soldado:
Marco Antonio por corno perdeu a c′roa;
Amphitrião com toda a sua proa
Na Fabula não passa por honrado;

Um rei Fernando foi cabrão famoso
(Segundo a antiga letra da gazeta)
E entre mil cornos expirou vaidoso;

Tudo no mundo é sujeito á greta:
Não fiques mais, Alcino, duvidoso
Que isto de ser corno é tudo peta.

=====

Soneto do Prazer Maior
Bocage

Amar dentro do peito uma donzela;Jurar-lhe pelos céus a fé mais pura;Falar-lhe,
conseguindo alta ventura,
Depois da meia-noite na janela:
Fazê-la vir abaixo e com cautela,
cont..

Sentir abrir a porta, que murmura; Entrar pé ante pé, e com ternura
Apertá-la nos braços casta e bela:
Beijar-lhe os vergonhosos, lindos olhos,
E a boca, com prazer o mais jucundo,

Apalpar-lhe de leve os dois pimpolhos:
Vê-la rendida enfim a Amor fecundo;
Ditoso levantar-lhe os brancos folhos;
É este o maior gosto que há no mundo.

=====

A Ulina
Bocage

Da miseranda Inês o caso triste
Nos tristes sons, que a mágoa desafina,
Envia o terno Elmano à terna Ulina,
Em cujos olhos seu prazer consiste.
Paixão, que, se a sentir, não lhe resiste
Nem nos brutos sertões alma ferina,
Beleza funestou quase divina,
De que a memória em lágrimas existe.
Lê, suspira, meu bem, vendo um composto
De raras perfeições aniquilado
Por mãos do Crime, à Natureza oposto.
Tu és cópia de Inês, encanto amado;
Tu tens seu coração, tu tens seu rosto...
Ah!, defendam-te os Céus de ter seu fado!

=====

Convite a Marília
Bocage

Já se afestou de nós o inverno agreste
Envolto nos seus úmidos vapores;
Afértil primavera, a mãe das flores
O prado ameno de boninas veste:
Varrendo os ares o sutilnordeste
Os torna azuis; as aves de mil cores
Adejam entre Zéfiros e Amores,
E toma o fresco Tejo a cor celeste:
Vem, ó Marília, vem lograr comigo
Destes alegres campos a beleza
Destas copadas árvores o abrigo:
Deixa louvar da corte a vã grandeza:
Quanto me agrada mais estar contigo

Cont...

Notando as perfeições da Natureza!

=====

Soneto do Coito Interrompido

Bocage

"Mas se o pai acordar!..." (Márcia dizia
A mim, que à meia-noite a trombicava)
"Hoje não..." (continua, mas deixava
Levantar o saiote, e não queria!)
Sempre em pé a dizer: "Então, avia..."
Sesso à parede, a porra me agüentava:
Uma coisa notei, que me arreitava,
Era o calçado pé, que então rangia:
Vim-me, e assentado num degrau da escada,
Dando alimpa ao caralho, e mais à greta
Nos preparamos para mais porrada:
Por variar, nas mãos meti-lhe a teta;
Tosse o pai, foge a filha... Oh vida errada!
Lá me ficou em meio uma punheta!

=====

Auto-Retrato

por Bocage

Magro, de olhos azuis, carão moreno,
Bem servido de pés, meão na altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno:
Incapaz de assistir num só terreno,
Mais propenso ao furor do que à ternura,
Bebendo em níveas mãos por taça escura
De zelos infernais letal veneno:
Devoto incensador de mil deidades,
(Digo de moças mil) num só momento
Inimigo de hipócritas, e frades:
Eis Bocage, em quem luz algum talento:
Saíram dele mesmo estas verdades
Num dia, em que se achou cagando ao vento.

=====

Cartas de Olinda e Alzira

Bocage

Epístola I- Olinda a Alzira

Continua...

Que estranha agitação não sinto n'alma
Depois que te perdi, querida Alzira!
De meus olhos fugiu, sumiu-se o fogo,
Que a tua companhia incendiava!
Por uma vez se foi minha alegria,
Nem a mesma já sou, que outrora hei sido!
Minhas vistas ao céu lânguidas se erguem,
E a mim própria pergunto d'onde venha
Tão novo sentimento assoberbar-me?
Não se aquieta o coração no peito,
Não cabe nele, e viva chama no íntimo
Das entranhas ardente me devora,
Sem que eu possa atinar a causa, a origem.
Aqueles passatempos que na infância
Tão do peito queria, em ódio os tenho.
Das mesmas superiores a presença,
Que d'antes para mim era indif'rente,
Se me torna hoje dura, intolerável!
Aonde, aonde irão estes impulsos
Precipitar a malfadada Olinda?
Será, querida Alzira, a tua ausência,
Que me faz derramar tão agro pranto?
Debalde a largos passos solitária
Vago sem norte: ignoro o que procuro;
Ah! Minha cara! Os males que tolero
Expressá-los não posso, nem sofrê-los.

=====

Incultas produções da mocidade
Bocage

Incultas produções da mocidade
Exponho a vossos olhos, ó leitores.
Vede-as com mágoa, vede-as com piedade,
Que elas buscam piedade e não louvores.
Ponderai da Fortuna a variedade
Nos meus suspiros, lágrimas e amores;
Notai dos males seus a imensidade,
A curta duração dos seus favores.
E se entre versos mil de sentimento
Encontrardes alguns, cuja aparência
Indique festival contentamento,
Crede, ó mortais, que foram com violência
Escritos pela mão do Fingimento,
Cantados pela voz da Dependência

=====

Outro Soneto do prazer efemuro
Bocage

Quando do grão Martinho a fatal Marca
O termo fez soar no seu chocalho,
Levou três dias a passar caralho
Do medonho Caronte a negra barca;
Eis no terceiro dia o padre embarca,
E o velho, que a ninguém faz agasalho,
Em prêmio quis só ter do seu trabalho
O gáudio de ver porra de tal marca:
Pegou-se ao cão trifauce a voz na goela
Ao ver de membro tal as dianteiras,
E Plutão a mulher pôs de cautela:
Porém Dido gritou às companheiras:
"Agora temos porra; a ela, a ela,
Que as horas de prazer voam ligeiras!"

=====

Soneto Anal
Bocage

"Ora deixe-me, então... faz-se criança?
Olhe que eu grito, pela mãe chamando!"
Pois grite (então lhe digo, amarrotando
Saiote, que em baixá-lo irada cansa):
Na quente luta lhe desgrenho a trança
A anágua lhe levanto, e fumegando,
As estreitadas bimbis separando
Lhe arrimo o caralhão, que não se amansa:
Tanto a ser gíria, não gritava a bela:
Que a cada grito se escorvava a porra,
Fazendo-lhe do cu saltante pela!
– Há de pagar-me as mangações de borra,
Basta de cono, ponha o sêxo à vela,
Que nele ir quero visitar Gomorra.

=====

Soneto da Cagada
Bocage

Vai cagar o mestiço e não vai só;
Convida a algum, que esteja no Gará,
E com as longas calças na mão já
Pede ao cafre canudo e tambió:
Destapa o banco, atira o seu fuscó,
Depois que ao liso cu assento dá,
Diz ao outro: "Oh amigo, como está
A Rita? O que é feito da Nhonhó?"
continua...

"Vieste do Palmar? Foste a Pangin?
Não me darás notícias da Russu,
Que desde o outro dia inda a não vi?"
Assim prossegue, e farto já de gu,
O branco, e respeitável canarim
Deita fora o cachimbo, e lava o cu

=====

Soneto da Porra Burra
Bocage

Soneto localizado em um caderno onde poemas de Bocage e de Pedro José Constâncio estavam misturados, não tendo se chegado em nenhuma conclusão definitiva sobre a autoria do mesmo.

Eram oito do dia; eis a criada
Me corre ao quarto, e diz "Aí vem menina
Em busca sua; faces de bonina,
Olhos, que quem os viu não quer mais nada".
Eis me visto, eis me lavo, e esta engraçada
Fui ver incontinenti; oh céus! que mina!
Que breve pé! Que perna tão divina!
Que maminhas! que rosto! Oh, que é tão dada!
A porra nos calções me dava urros;
Eis a levo ao meu leito, e ela rubente
Não podia sofrer da porra os murros;
"Ai!... Ai!... (de quando em quando assim se sente)
Uma porra tamanha é dada aos burros,
Não é porra capaz de foder gente"

=====

Soneto das Glórias Carnais
Bocage

Cante a guerra quem for arrenegado,
Que eu nem palavra gastarei com ele;
Minha Musa será sem par canela
Co'um felpudo coninho abraseado:
Aqui descreverei com arreitado
N'um mar de bimbis navegando à vela,
Cheguei, propício o vento, à doce, àquela
Enseada d'Amor, rei coroado:
Direi também os beijos sussurrantes,
Os intrincados nós das línguas ternas,
E o aturado fungar de dois amantes :
Estas glórias serão na fama eternas;
Às minhas cinzas me farão descantes
Fêmeos vindouros, alargando as putas

Soneto do Prazer Maior

Bocage

Amar dentro do peito uma donzela;
Jurar-lhe pelos céus a fé mais pura;
Falar-lhe, conseguindo alta ventura,
Depois da meia-noite na janela:
Fazê-la vir abaixo, e com cautela
Sentir abrir a porta, que murmura;
Entrar pé ante pé, e com ternura
Apertá-la nos braços casta e bela:
Beijar-lhe os vergonhosos, lindos olhos,
E a boca, com prazer o mais jucundo,
Apalpar-lhe de leve os dois pimpolhos:
Vê-la rendida enfim a Amor fecundo;
Ditoso levantar-lhe os brancos folhos;
É este o maior gosto que há no mundo.

=====

O Ciúme

Bocage

Agora, que ninguém vos interrompe,
Lágrimas tristes, inundai-me o rosto,
Mais do que nunca assim o quer meu Fado.
Enquanto o gume de mortal desgosto
Me não retalha os amargosos dias,
Debaixo destas árvores sombrias
Grite meu coração desesperado,
Meu coração cativo,
Que só tem nos seus ais seu lenitivo.
Alterosas, frutíferas palmeiras,
Vós, que na glória equivaleis aos louros,
Vós, que sois dos heróis mais cobiçadas
Que áureos diademas, que reais tesouros,
Escutai meus tormentos, meus queixumes,
Meus venerosos, infernais ciúmes,
Ouvi mil penas, por Amor forjadas,
Mil suspiros, mais tristes
Que todos esses, que até'qui me ouvistes.
Aqueles campos, aprazíveis campos,
Que além verdejam, de meu mal souberam
A desgraçada mas suave origem;
Ali de uns olhos os meus ais nasceram,
Ali de um meigo, encantador sorriso,
Que arremeda o sereno paraíso,
Brotaram mil infernos, que me afligem,
cont...

Que as entranhas me abram,
Que meus olhos de lágrimas arrasam;
Ali de uns lábios, onde as Graças brincam,
Ouvi suspiros, granjeei favores,
Ali me disse Anarda o que eu não digo;
Ali,volvendo os ninhos dos Amores,
Cravou nesta alma, para sempre acesa,
As perigosas frechas da beleza;
Ali do próprio mal me fez amigo,
Ali banhou meu rosto
Parte do coração, desfeita em gosto,
Novas campinas testemunhas foram
De nova glória, de maior ventura,
Tal, que julguei, logrando-a, que sonhava.
Entre as doces prisões da formosura,
Entre os cândidos braços deleitosos,
Meus crestados desejos amorosos
No alvo rosto, que o pejo afogueava,
No néctar... Ah! Que eu morro,
Se em vós, furtivos êxtases, discorro.
Amor! Amor! Teus júbilos excedem
Da loira abelha os engenhosos favos,
Mais gratos são, que as flores, teus sorrisos.
Gostei todos os bens que aos teus escravos
Fazem tão leve a rígida cadeia,
Tão doce a chama, que no peito ondeia;
Mas oh! Cruéis teus dons, cruéis teus risos,
Princípio do tormento,
Que já me tem delido o sofrimento.
Miserável de mim! Qual o piloto,
Que lera nos azuis, filtrados ares
Indícios de uma sólida bonança,
E eis que vê de repente inchar os mares,
Vestir-se o céu de nuvens, donde chove
O fogo vingador, que vibra Jove,
Tal eu, quando supus mais segurança
No meu contentamento,
O vi fugir nas asas de um momento.
Anarda, Anarda pérfida, teus olhos,
Onde Amor traz escrita a minha Sorte,
Teus mimos por mim só não são gozados!
Oh desesperação, pior que a morte!
Oh danados espíritos funestos,
De horrídeos vultos, de terríveis gestos,
Moderai vossa queixa, e vossos brados,
Que as penas do profundo
Também, também se encontram cá no mundo.
Ver outro disputar-me o caro objecto,

Em cujas lindas mãos pus alma e vida,
Não me arranca suspiros: o tormento,
Que no peito me faz mortal ferida,
O maior dos tormentos, ó perjura,
É ver que de outrem sofres a ternura,
É ver que dás calor, que dás alento
A seus mimos e amores
C'um riso, percursor de mil favores.
Tu não foges de mim, tu não te esquivas
Destes olhos, que em ti cativos andam;
Delícias, onde pasma o pensamento,
Doces instantes meu ciúme abrandam;
Mas ah! Não é só minha esta ventura,
Meu vaidoso rival a tem segura.
Que indigna variedade! Em um momento
Teus olhos inconstantes
Acarinham sem pejo a dois amantes.
Honra, virtude, agravo e desengano
Me gritam n'alma que sacuda os laços,
Que tanto sofrimento é já vileza.
Oiço-os, protesto desdenhar teus braços,
Protesto, ingrata, converter meus cultos
Em mil desprezos, irrisões e insultos;
Mas ah protestos vão! Baldada empresa!
Sou a amar-te obrigado:
Não é loucura o meu amor, é Fado.
Canção, vai suspirar de Anarda aos Lares;
Mas se não lhe firmares
O instável coração, deixa a perjura,
E iremos sossegar na sepultura

=====

À morte de Leandro e Hero
por Bocage

De horrenda cerração c'roada, a Noite
Surgira há muito da ciméria gruta;
Tapando o longo céu co'as asas longas
Reina em meio Universo:
Ocupam-lhe os degraus do negro trono
A Tristeza, o Silêncio,
O Medo, a Solidão, o Amor e o Crime;
Voam-lhe em roda lúgubres fantasmas,
Aves sinistras pousam-lhe no grémio.
Eis manso e manso as nuvens se entumecem,
Eis o líquido peso
Rompe os enormes, carregados bojos,

Em torrentes sussurra e cai na terra.
Rebentam furacões, flamejam raios,
O estrondoso trovão no céu rebrama,
O Helesponto nas rochas ferve e ronca.
Tu, abideno amante,
Tu velas neste horror com a saudade,
Já corres insofrido às ermas praias,
Donde é teu uso arremessar-te ao pego,
E, destro nadador, talhando as vagas,
Teus gostos demandar na oposta margem.
Ao longe em celsa torre, estância cara
De Hero, sol dos teus dias,
O brilhante sinal, o amigo lume
(Que é no facho de Amor por ela aceso)
Vês entre as sombras cintilar a espaços,
E como que te acena e te suspira.
Debalde o mar bramindo, o céu troando
Teu ímpeto ameaçam;
Ardem-te n'alma os sôfregos desejos,
Fulgurante ilusão, doirando as trevas,
Num quadro tentador te of'rece aos olhos
Glórias a furto, vívidos prazeres,
Doces mistérios, que da luz se temem.
A sagaz Esperança
Te reforça, te incita,
Jura aplacar-te o ar, pôr freio às ondas,
Dar-te aos suspiros da suave amada.
Atento à meiga voz, que atraí, que mente,
No montuoso pélagos te arrojas.
À queda repentina alteia um grito
O corvo grasnador na dextra parte,
E os Ecos, despertando ao som medonho,
Gemem nas brutas, cavernosas fragas.
O triste agoiro te arrepiá as carnes,
Teus cabelos erriça;
Mas prevalece Amor e, expulso o medo,
Forças a equórea, tímida braveza.
Metade já do trânsito afanoso
Indústria e robustez vencido haviam.
Nisto a procela horríssoná recresce,
Tingem sombras do Inferno os véus da noite,
Que o súbito relâmpago retalha;
Braveja o mar, aos astros se remontam
Serras e serras de fervente espuma;
Carrancudos tufões arrebatados,
Dobrando a força, a raiva, lutam, berram
E revolvem do pélagos as entranhas;
Rochedo imóvel, aferrado à terra,

Rebate apenas o horroroso assalto...
Ah, Leandro infeliz! Tu já fraqueias,
A destreza, o vigor nas mãos, nas plantas
Já, mísero amador, já te falecem.
Procuras o distante, o caro lume,
Astro benigno, que te influi e guia,
Olhas, vês que te falta,
Que desapareceu, que jaz extinto;
Suspiras, esmoreces,
Da tua doce luz desamparado.
Invocas o grão deus, que rege os mares;
De teus rogos não cura, imoto e surdo.
Invocas de Nereu potente as filhas.
Elas ardem por ti, mas, invejosas
Do objecto encantador que lhes preferes,
Às marítimas fúrias te abandonam.
Hero invocas, e Amor, e os Céus, e a Sorte;
A Sorte é implacável,
Dos males, que dispõe, não se arrepende,
Teus dias sinalou de um termo infausto.
Debalde te auxilia o deus mimoso,
O alado criador de teus suspiros,
Dos amorosos bens, que desfrutaste;
O facho luminoso em vão meneia
Para encurtar-te as sombras,
E mais fácil tornar a undosa estrada;
Em vão com as asas brandas
Tenta arrasar os orgulhosos mares.
Sobre altos escarcéus o Fado escuro
Folga, triunfa e reina;
Punge, ameaça, desespera os ventos,
Enrola a morte nas horrendas vagas.
Ela, pronta a seu mando, ela acomete
O deplorável moço.
Eis dos olhos gentis lhe turva o lume,
O tardo movimento eis lhe sopeia,
Pelas águas o embebe, e de Hero o nome
Do ansioso coração num ai lhe arranca.
Abaixo, acima, co'as cavadas ondas
Vai, vem mil vezes o infeliz mancebo...
Ai! Já sem vida aqui, e ali vagueia
À discricção do mar, e o mar com ele
De Sesto às praias súbito arremete;
Dá contra a torre de Hero, ali rebenta,
E deixa o triste corpo à margem nua.
Tu entretanto, carinhosa amante,
Que fazias (oh, Céus!), que imaginavas?
Solitária, anelando,

Nas trevas espantosas,
Nos soltos ventos, alterosos mares
Lias de feio azar presságios feios.
Em torno à viva luz que vigiavas
(Que em raro véu com arte envolto havias,
Resguardando-a dos ares indignados),
Em torno à viva luz eis de improviso
Negro insecto voou, zuniu três vezes,
E à terceira apagou a esperta chama
(Foi no ponto funesto em que o mancebo
Com teu nome adoçou o extremo arranco);
Do repentino assombro espavorida,
Atónita, convulsa
O agoirado clarão não renovaste.
Em ânsias implorando os Deuses todos,
E mais que todos o que em ti reinava,
A bem do afoito, desvelado amante,
Ao Númen indulgente, à Mãe piedosa
Mil incenses, mil vítimas votaste.
Depois, cevando a revoltosa ideia
Em terríveis imagens,
Ora do moço audaz o usado arrojo
Reprovas contigo,
Ora a cega imprudência maldizias,
Com que em tão desabrida horrível noite
A perigosa senha aventuraras...
Ah, triste! Contra ti não te conjures:
Foi lei dos fados a imprudência tua.
Hero, desanimada,
Metida em profundíssimo letargo,
Jaz sem tino e sem voz, até que aponta
A purpúrea manhã no céu já ledó.
Farto o cruel Destino,
Adelgacera os ares,
Ao peço a mansidão restituíra,
Depois que a terna vítima saudosa
Foi sufocada nas voragens feras.
Ele, o duro opressor dos desditosos,
Ele do almo prazer, que os dois gozaram,
Está vingado em parte, e da vingança
À Desesperação comete o resto.
Hero, ah, Hero infeliz! Tu pelas águas
Húmida vista, suspirando, alongas.
Não vês o nadador por quem desmaias,
O teu bem não flutua
Pelas ondas desertas.
Eis a consternação te inclina os olhos
À pedregosa areia

Onde o desventurado está sem alma.
Que vista! Que terror! As alvas carnes,
Rotas nas rochas pelo embate undoso,
Inda gotejam sangue; aberta a boca,
Parece que inda quer, que inda procura
Chamar-te, ó Hero, murmurar teu nome.
No espectáculo horrendo,
Mísera, tu reparas;
Tu... Céus!, Não lhe acudis?! Tu reconheces
O querido semblante, o conpo amado,
Entre as sombras da morte inda formoso:
Com palidez, que a pinta.
Gritas, arquejas, desesperas, fremes,
Deitas as mãos de neve às tranças de oiro,
E as tranças de oiro, delirando, arrancas.
Levada enfim de um ímpeto raivoso
Te arremessas da torre, e dás e entregas
O teu ai derradeiro ao mudo amante.
Lá jazem sobre a areia lutuosa
As vítimas do Fado;
Nas angústias mortais a linda moça
Inda, estendendo os amorosos braços,
Tenta apertar o suspirado objecto.
Apiedados delfins nas ondas surgem,
E altos sons (oh, prodígio!) derramando,
Lamentam junto à praia o duro caso:
As mesmas ninfas invejosas de Hero
Soluçam de pesar nos vítreos lares.
Um marmóreo padrão se erige em breve;
Compadecidas mãos a história triste
Gravam na lisa pedra; a pedra existe,
Mas o monstro voraz que rói penedos,
Comendo em parte a fúnebre escritura,
Só deixa soletrar-lhe
O remate piedoso,
Em meus piedosos versos trasladado:
Carpido ao som da lira
Inda agora de ouvi-lo Amor suspira.
Aos dois amantes
De Abido e Sesto
Ardor funesto
Deu negro fim.
Foram-lhe algozes
Os seus extremos;
Mortais, amemos,
Mas não assim.

=====

Manuel Maria Barbosa du Bocage foi um autor português. (1765-1805) nasceu em Setúbal, às margens do rio Sado, em Portugal, no dia 15 de setembro de 1765. Filho de José Luís Soares de Barbosa, juiz de fora e ouvidor, e de Mariana Joaquina Xavier l'Hedois Lustoff du Bocage, descendente de família da Normandia, região histórica do noroeste da França. Conhecido como um dos maiores artistas lusitanos da história, suas obras são a transição entre o período clássico e romântico, influenciando todo um grupo de escritores europeus.

Poeta português, o mais importante poeta português do século XVIII. O grande poeta do Arcadismo de Portugal. Sua poesia individualista e pessoal já era uma antecipação do que seria a poesia romântica do século XIX. Em 1783, alistou-se na Marinha de Guerra, graduando-se em seguida. Em 1786 esteve no Brasil. Nesse mesmo ano viajou para o Oriente, permanecendo na Índia como guarda-marinha, onde é promovido a tenente e mandado para Damão. Ao desertou da Marinha, fugiu para Macau passando a viver uma vida errante e boêmia.

Em 1790, voltou para Lisboa. Iniciou sua atividade literária, Com o pseudônimo de Elmano Sadino, participou da associação de poetas denominada “Nova Arcádia”, escrevendo poesias que falam de pastores, pastoras e ovelhas e da mitologia clássica. O próprio nome do movimento foi tirado de Arcádia, região da Grécia onde, segundo a mitologia, pastores e pastoras levavam uma vida inocente e feliz, em contato com a natureza.

Coletânea pessoal e arquivo:

Judd Marriott Mendes